

## PRIMEIROS PASSOS DA REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA GUATÓ: UMA ETNOGRAFIA

*Bruna Franchetto<sup>1</sup>, Gustavo Godoy<sup>2</sup>*

### Resumo

Apresentamos um relato etnográfico do início de uma experiência de revitalização e documentação do guató, a última língua das terras baixas do Pantanal (Brasil). Esta iniciativa foi desencadeada pelos próprios Guató, que reivindicam uma Terra Indígena no estado de Mato Grosso, na região do alto rio São Lourenço. A viagem para os Guató de Mato Grosso, em 2016, foi antecedida por um exaustivo trabalho documental e resultou na organização de uma oficina, onde foi produzida uma primeira ‘cartilha’, a ser usada dentro e fora da TI Bahia dos Guató. Como não encontramos nenhum vestígio da língua falada e nem muitas lembranças sobre a língua em Mato Grosso, prosseguimos com nossa empreitada em Mato Grosso do Sul, onde, até poucos anos, havia ainda meia dúzia de falantes. Encontramos dois deles: o já conhecido Vicente e Eufrásia, ambos com mais de setenta anos. Na segunda parte do artigo, descrevemos esses encontros e o trabalho desenvolvido em seguida, com novas informações sobre os últimos murmúrios antes do Guató ser calado.

**Palavras-chave:** Guató, Revitalização, Língua Guató, Índios do Pantanal

### Abstract

We present an ethnographic account of the beginning of a revitalization and documentation experience of the last language of lowland Pantanal (Brazil), known as Guató. This initiative was triggered by the Guató themselves, which claim an Indigenous Land in the state of Mato Grosso, in the region of the upper São Lourenço river. The trip to the Guató of Mato Grosso in 2016 was preceded by an exhaustive documentary work and resulted in the organization of a workshop, where a first ‘cartilha’ was produced, to be used inside and outside the Indigenous land. As we did not find

1 Bruna Franchetto é professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, docente dos programas de pós-graduação em Antropologia Social e em Linguística e pesquisadora bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 Gustavo Godoy é doutorando no programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ.

any vestige of the spoken language and not many memories about the language in Mato Grosso, we continued with our work in Mato Grosso do Sul, where even a few years ago there were still half a dozen speakers. We find two of them: the already known Vicente and Eufrásia, both older than 70 years. In the second part of the article, we describe these encounters and the activities that followed them, as well as new information on the last murmurs before Guató is silenced.

**Keywords:** Guató, Revitalization, Guató Language, Indigenous People of Pantanal

Os Guató devem exclusivamente à natureza da região que habitam, onde os lagos e os braços de rios lhes oferecem milhares de abrigos ocultos, o terem podido evitar o desastroso contacto com a cultura europeia, por influência da qual as tribos suas vizinhas desde cedo sacrificaram a sua individualidade ou desapareceram da superfície da terra, não deixando sequer o seu nome.

(Max Schmidt, 1942 [1905]: 135)

A língua deles é rápida. Quando estão dois a conversar, nada se ouve senão monossílabos ou palavras curtas que sucedem de um a outras alternadas e breves. O *sim* é uma forte inspiração seguida de um som gutural.

(Florence, 1948 [1875]: 153)

## 1.Introdução: os Guató e sua língua

As áreas inundáveis da região do Pantanal<sup>3</sup>, no centro da América do Sul, já foram habitadas por vários povos de diferentes línguas. Sua ocupação remonta a 8.000 anos atrás, tendo se consolidado, com o aumento do número de aterros<sup>4</sup>, há 3.000 anos. Além do manejo da geografia e da vegetação, o Pantanal apresenta uma das mais antigas e mais duráveis tecnologias ceramistas fora da Amazônia (cf. Bespalez, 2015: 47-51; Oliveira, 2004: 37-57). Desta longa história indígena no Pantanal, restam, hoje, como grupo étnico, apenas os Guató.

As fazendas de gados pisotearam os Guató, expropriando suas terras e apropriando-se de seu trabalho. Foi entre 1940 e 1950 que o esbulho se acelerou e dispersou os Guató pelas águas. Nesta época, o Serviço de Proteção aos Índios, órgão governamental brasileiro, oficializava sua pretensa extinção.

Em 1976, a missionária salesiana Ada Gambarotto encontrou os Guató em Corumbá e, em 1977, a linguista Adair Palácio foi em busca da língua destes canoeiros. Nesta época, no recém criado Estado de Mato Grosso do Sul, começou o processo de reivindicação da Terra Indígena Guató, onde, hoje, vivem 419 pessoas, conforme censo realizado em 2014 (SIASI/SESAI).

3 O Pantanal é um bioma constituído principalmente por uma savana, alagada em sua maior parte, com 250 mil quilômetros quadrados de extensão e altitude média de 100 metros. Está situado no sul do estado de Mato Grosso e no noroeste do estado de Mato Grosso do Sul, além de estender-se para o norte do Paraguai e para o leste da Bolívia.

4 Os aterros (*ma-rábohə*, em guató) constituem um “tipo de sítio arqueológico de interior, a céu aberto, que se apresenta na paisagem como elevação de terreno [...] que normalmente ocorre em áreas inundáveis” (Oliveira, 1996: 26). Trata-se de “estruturas monticulares total ou parcialmente artificiais [...] que no Pantanal também são mencionados como aterrados, capões-de-aterro, aterros-de-bugre, capões-de-mato e cordilheiras” (Oliveira, 2008: 17)

Em 1984/5, durante a demarcação da Terra Indígena no Mato Grosso do Sul, foi registrada a presença de Guató no rio Perigara (Barros, 2000). Dispersos pelos caminhos das águas do Pantanal, bugrados e misturados nos adventícios pantaneiros, os Guató não se recompuseram com a demarcação da Terra Indígena Guató. Continuam, até hoje, em várias outras localidades, como na ainda não homologada Terra Indígena Bahia dos Guató, no Estado de Mato Grosso, e em pequenas e grandes cidades de ambos os Estados, com diferentes formas de se relacionar com uma ‘identidade guató’.

Nos anos 2000, os estudos de identificação para uma terra indígena guató em Mato Grosso foram retomados. Nesta época, estes Guató definiam seu local como aldeia São Benedito (nome de uma fazenda), no município de Barão de Melgaço. Em 2012, os trabalhos de demarcação só foram concluídos com a proteção da Polícia Federal, mas, até hoje, não houve a homologação definitiva desse território. Mais de uma centena de Guató ocupa e reivindica este pedaço de terra na beira do rio Cuiabá e próxima do rio São Lourenço. Os dois grupos guató, o sul-mato-grossense e o norte-mato-grossense, não mantém contato entre si.

Os Guató foram obrigados primeiro a esconder, depois a esquecer a sua língua, pouco a pouco, nas relações de exploração e humilhação às quais foram submetidos desde que os colonizadores entraram em seus territórios.

A primeira lista de 164 palavras da língua foi coletada por Castelnau (1949 [1851]). O etnólogo alemão Max Schmidt analisou alguns fenômenos da língua e deixou listas de palavras e frases. Em 1901, ele esteve durante três semanas entre os Guató, nas lagoas Gaíva e Uberaba (Schmidt, 1905). Em 1910, foi para o rio Caracará, braço do São Lourenço, anotando algumas poucas palavras (Schmidt, 1914) Em 1928, esteve novamente coletando dados linguísticos, montando uma segunda lista de tamanho considerável (Schmidt, 1942b). Schmidt notou a relutância dos Guató:

Somente usando de muita paciência pude convencer os Guató, que são sob outros pontos de vista muito agradáveis, de comunicar-me alguns trechos na sua língua com tradução portuguesa. (Schmidt, 1942a: 283)

Outras duas pequenas listas foram registradas por Rondon (1938) e por Wilson (1959), com 201 e 106 palavras, respectivamente. A tese de Adair Palácio (1984) é a única descrição de aspectos da gramática guató, posteriormente publicados em diferentes artigos (Palácio, 1986, 1991, 1996, 2004). Em sua dissertação, Adriana Viana Postigo (2009) redescreveu a fonologia. Há ainda muitas lacunas no conhecimento da gramática e do léxico, insuficientemente documentados.

A partir dos trabalhos de Palácio, podemos sintetizar um quadro da língua<sup>5</sup>. O Guató conta com 17 fonemas consonantais /p, b, t, d, tʃ, dʒ, k, g, kʷ, gʷ, f, v, h, m, n, ɾ, j/ e oito vocálicos /i, ĩ, u, e, o, ε, ɔ, a/, estes com cinco contrapartidas nasais /ĩ, ã, õ, ê, ã/<sup>6</sup>. A língua se caracterizaria por ter contrastes de tom (alto e baixo). O padrão silábico é (C)V.

5 Palácio apresentou sínteses da gramática guató em vários trabalhos (Palácio (1984: 21-3, 1986, 1991, 2004)).

6 Como existe apenas um par mínimo que opõe vogal oral à nasal em ambiente idêntico, Postigo (2009) sugere que existiria um suprasegmento nasal, com assimilação nasal regressiva, em palavras não compostas, e progressiva na consoante palatal em fronteira morfológica de palavras compostas.

Aos radicais nominais podem ser prefixados morfemas ‘determinativos’ (*ma-/go*) ou marcas de pessoa. O possuidor precede o possuído no sintagma nominal possessivo. Os demonstrativos adnominais precedem o substantivo: *gíne* ‘próximo do falante’, *mani* ‘próximo do ouvinte’ *mahĩ* ‘distante dos interlocutores’ (Palácio, 1984: 80). O sistema numeral é de base quinária até vinte, quando passa a ser decimal; Palácio reconstruiu valores muito altos com seus dados sobre numerais (Palácio, 1984: 82-5, 1996). O guató apresenta cinco preposições locativas.

Os verbos transitivos apresentam marcação de pessoa que indexa sujeito (A) e objeto (O), enquanto os verbos intransitivos apresentam uma série de afixos de flexão de pessoa que é similar à série que codifica o objeto do verbo transitivo. Há incorporação do objeto a verbos transitivos e a expressão de propriedade é dada por verbos estativos (“descritivos” em Palácio).

A ordem de constituintes na sentença foi descrita por Palácio como sendo de verbo inicial, sendo que a construção com sujeito antes do verbo seria resultado de topicalização.

A língua guató foi incluída no hipotético tronco Macro-Jê, em um primeiro artigo de Rodrigues (1970: 4035), que não apresenta maiores comentários sobre os dados utilizados e suas correspondências com outras línguas aparentadas. Já com os dados da tese de Palácio, Rodrigues (1986: 50-1, 55) apresentou cinco cognatos hipotéticos que o Guató compartilharia com outras línguas do tronco, com um rápido comentário sobre as mudanças sonoras (pp. 53-4). Posteriormente, Rodrigues (1999) ofereceu, em um capítulo sobre Macro-Jê, algumas das características gramaticais do guató, sem avanço nos dados comparativos. Em uma nova busca de dados na tese de Palácio, Ribeiro & Voort (2010: 546-7) observaram que, dada a ausência de cognatos, o guató não deveria ser considerado como Macro-Jê, mas, sim, como uma língua isolada. Por fim, Martins, (2011, 2013) defendeu a hipótese de Rodrigues, apesar da distância que separa o guató das outras línguas do tronco.

Não resta dúvida que sem a contribuição de Adair Palácio não teria sido possível rever a classificação do guató, nem o desenvolvimento da fonologia por Adriana Postigo, ambos os trabalhos frutos dos ensinamentos de alguns dos últimos falantes. Com esta bagagem, foi iniciado um novo e, talvez, derradeiro capítulo sobre a língua guató, respondendo a um chamado dos próprios índios. Este artigo é uma etnografia de nosso encontro com os Guató ressurgentes e com os dois últimos falantes.

## 2. Prólogo a um experimento de revitalização

Um dramático apelo chegou dos Guató de Mato Grosso até nós, em 2013, através de Francisca N. P. de Ângelo<sup>7</sup>. Francisca – conhecida como Chikinha Paresi – os conhecia já há bastante tempo. Em 2009, em uma aldeia bakairi, ela tinha conversado com Sandra Guató, por ocasião de um encontro de mulheres da associação indígena Takinã, sobre a necessidade de uma escola que se contrapusesse ao êxodo ribeirinho. Estando novamente em um encontro da Takinã, agora nas terras reivindicadas pelos

<sup>7</sup> Francisca Navantino é funcionária da Secretaria Estadual de Educação e membro do Conselho Escolar Indígena de Mato Grosso, atualmente doutoranda no programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ) com projeto sobre a educação escolar em povos indígenas de Mato Grosso.

Guató de Mato Grosso, Chikinha se comprometeu a ajudar na criação de uma escola que deveria atender, principalmente, à demanda de revitalização da língua esquecida.

Entre os dias 8 e 11 de julho de 2016, Alessandra Guató e Chikinha organizaram uma reunião de preparação da “oficina de revitalização” e, concomitantemente, da criação da escola. Foi reafirmado o que diziam desta instituição obrigatória, que faz com que as pessoas se sintam “sem conhecimento”, que reproduz aleatoriamente a necessidade de lermos e escrevermos e sermos “educados”, e causa dispersão: a necessidade de uma educação escolar é condição do abandono das terras e da migração para as cidades.<sup>8</sup>



Reunião de preparação da 1ª Oficina de Revitalização da Língua Guató, Fazenda Coqueiro, MT, julho de 2016 (acervo de Francisca N. P. de Ângelo)

Os pais, em sua maioria sem escolaridade, deslocam-se para as cidades próximas em busca de escola para seus filhos. Em vários casos, o pai permanece no Pantanal como trabalhador de fazenda, enquanto a mãe se estabelece com seus filhos na cidade, para que estes possam frequentar uma escola, e consegue algum sustento como empregada doméstica ou isqueira.<sup>9</sup>

Para as lideranças guató (matogrossenses), a defesa e a garantia do território são expectativas ligadas à escola e, agora, ao resgate da língua, como expressarm as falas ouvidas durante reunião na Coordenação Regional da Funai em Cuiabá:

Seu Antônio fala que “...muitos filhos, netos e sobrinhos foram pra cidade porque não tem escola na aldeia, e que temos lutado pra ter essa escola, e encontramos dificuldades com as autoridades, mas agora vejo que as coisas estão começando a andar, a caminhar...”

8 Já houve intervenções do Conselho Tutelar exigindo que as crianças encontradas na área indígena fossem imediatamente escolarizadas na cidade.

9 Isqueiro é quem ganha dinheiro com a coleta de iscas vivas vendidas para turistas pescadores, atividade que só foi legalizada há poucos anos em Mato Grosso, sendo permitida há mais tempo em Mato Grosso do Sul.

Depois a palavra foi dada para o Romeu que se manifesta: “prá nós Guató a criação da escola na aldeia é a nossa maior conquista depois do território, nosso objetivo é tirar mesmo essas crianças que ficam nas cidades, passando necessidade, suas famílias sem condições de trabalhar pro sustento, a cidade tá ficando pesada, muita violência e perdi um sobrinho de 16 anos, jovem ainda, de forma violenta, fico preocupado com meus filhos, e o retorno deles pra aldeia, garantir o convívio com suas famílias e com o nosso modo de ser Guató”. ]

Karine também fala: “a escola não será só boa para as crianças, mas também para os jovens e adultos que precisam se alfabetizar, e agora o sonho de revitalizar o idioma, a gente não vai mais passar vergonha perante outros parentes, teremos uma cultura mais fortalecida, com uma escola, com o território demarcado, e a revitalização da língua.”

(Trecho da Ata da reunião redigida por Alessandra Arruda, 13 de julho de 2016)

Além da expropriação já sofrida quando seu ambiente foi pisoteado pelo gado e cercado por fazendas, foi e é a escola que os retira de suas moradas. São a terra e a identidade os motivos do desejo de resgate da agonizante língua guató, que conserva apenas restos de vocabulários e de gramática em dois anciões, desconhecidos pelos Guató matogrossenses.

Expropriados de seus aterros, escaramuçados pelas águas, desaterrados de seu idioma. A própria ideia de uma “língua guató” é algo virtual entre estes índios, que citam somente algumas palavras bororo. Na retomada da consciência de direitos territoriais, as lideranças guató ouviram, não poucas vezes, opiniões contraditórias: de um lado que eles são “menos índios” por não falarem mais a língua que já foi de seus antepassados, do outro lado que “o idioma indígena não presta”. Durante a oficina, Dona Zita, comentou a variedade de português falada pelos Guató: “Criança indígena nasce falando muito embolado, é como se fosse idioma de índio”.

O guató foi incluído no Projeto “Línguas Indígenas ameaçadas: pesquisa e teorias linguísticas para a revitalização”, encaminhado ao CNPq pela coordenadora Bruna Franchetto, em função do Edital Universal 2014. O apoio financeiro recebido do CNPq e do Museu do Índio (FUNAI, RJ) permitiu a realização de três viagens a campo e de uma primeira oficina de revitalização.<sup>10</sup>

### 3. A primeira viagem: Terra Indígena Baía dos Guató

A primeira viagem foi para os Guató de Mato Grosso e aconteceu em agosto de 2016, no alto rio São Lourenço, na ainda não garantida TI Baía dos Guató, então rebatizada de aldeia *Miji* (‘palmeira acuri’). Atualmente, o centro de organização da TI Baía dos Guató mudou da fazenda São Benedito para a fazenda Coqueiro, que fica às margens do corixo do Bebe.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> O projeto foi concebido e elaborado por Bruna Franchetto, Livia Camargo Souza e Rafael Bezerra Nonato, inspirados pelos conhecimentos e pelas experiências acumulados numa missão de três meses na Austrália, em 2014. A missão, fruto de intercâmbio internacional entre a Fundação Nacional de Apoio ao Índio (FUNAI) e o Australian Institute for Aboriginal and Torres Strait Islander Studies (AIATSIS), nos permitiu visitar os principais centros de documentação e revitalização de línguas nativas na Austrália. Resultados e relatórios parciais do projeto podem ser acessado em <http://nupeli-gela.weebly.com/revitalizaccedilatildeo.html>

<sup>11</sup> Agradecemos Alessandra Arruda pela ajuda e a amizade, e Carlos Henrique Arruda por ter nos guiado para a TI Bahia dos Guató. Agradecemos o apoio de Benedito César Garcia Araújo e de todos os outros funcionários da FUNAI de Cuiabá.

Alguns Guató que conhecemos na Baía dos Guató, como outros pescadores da região, trabalham como isqueiros. Em outros tempos, trabalhavam mais com a venda de peixes, inclusive de peixes secos. A principal isca é a tuvira (*Gymnotus sp.*), pega com a armadilha chamada ‘jiqui’, e, como se trata de um peixe noturno, o cupim é “regado” na armadilha nas noites de céu escuro. Com a tuvira são pegos peixes carnívoros maiores, como o pintado, o dourado e a cachara. Outros Guató trabalham em barcos de turismo: o estrangeiro é, portanto, o turista consumidor de bens e serviços produzidos pelos ribeirinhos.

Conhecemos o velho Domingos, que teria mais de cem anos<sup>12</sup> e apontado como alguém que lembraria de algo da língua. José Manoel e Amélia do Rosário, pais de Domingos, moravam na região do Caracará, de onde mudaram-se para a região de Capivaras (Barros, 2000: 104). Três famílias nucleares, parentela de Domingos, habitaram no Aterrado do Bananal, agora reocupado por seus descendentes. Segundo Domingos, ele morou por volta de vinte anos neste lugar, entre as décadas de 1920 e 1940 (Oliveira, 2002: 337). De lá, foram para o capão da Alegria – na fazenda Baía dos Guató – e, então, para a fazenda São Benedito, (Barros, 2000: 105-6). Nada conseguimos com Domingos, surdo e numa cadeira de rodas, nem um resquício de um fragmento de guató, mas a sua alegria nos fez dar umas boas risadas.

Conhecemos outros atores importantes da retomada da terra e da língua: Zita e o cacique Euclides, sobrinhos de Domingos; Quitita, prima de outra linha colateral de Euclides e Zita; Romeu e os outros filhos de Quitita.

Sandra da Silva, de fala calma, incisiva e articuladada, merece algumas palavras a mais. Filha dos Guató Mariana Oliveira da Silva e Antônio José da Silva, que moraram na região onde hoje está a TI Baía dos Guató, nasceu em Corumbá em 17 de maio de 1958. Quando jovem aprendeu a arte da olaria, que ainda pratica, e, graças a dons espirituais, se comunica e divide sua fala e percepção com dois Guató falecidos: uma menina e uma pajé antigo.

Seus pais trabalharam na Baía dos Guató para coronéis, sendo que naquela época uma irmã mais velha veio a falecer e foi enterrada no Aterrado, não muito distante da atual casa de Sandra. Os pais fugiram para Corumbá. Aos quatorze anos, Sandra deixou a mãe e foi para a Baía dos Guató. Casou-se com um não indígena, com quem estabeleceu família, morando com ele durante 36 anos e trabalhando para proprietários de fazendas da região. Sua família sofreu pressões, uma tentativa de emboscada e destruição de bens pessoais.

A volta dos Guató de Mato Grosso para a Baía dos Guató e a volta da língua são uma missão de Sandra, que a considera como além de suas vontades pessoais. Mesmo em momentos em que quis se retirar da região, teve que persistir, pois não era algo que dependeria apenas de sua vontade individual. Por isso, foi uma das principais articuladoras das reivindicações territoriais e seus filhos, Carlos Henrique e Alessandra, desempenham um papel crucial na defesa da garantia da Terra Indígena.

---

12 O atual documento de identidade diz que Domingos é um Guató nascido em 1900.

Voltamos à fazenda Coqueiro, ocupada para ser o novo centro da TI. Foi lá onde aconteceram a oficina de revitalização e as reuniões para erguer a escola. A sede da fazenda, que se tornará o lugar da escola, abrigou parte dos Guató de moradas mais distantes e das cidades e que pretendem se estabelecer na área indígena.



Participantes da 1ª Oficina de Revitalização da Língua Guató, Fazenda Coqueiro, MT (Foto: Bruna Franchetto, 28 de agosto 2016)

Para essa primeira oficina de revitalização, preparamos e levamos cópias de quase todos os materiais escritos (de Schmidt em diante) e gravados, com dados de guató, e que deixaríamos com eles antes de nossa partida.<sup>13</sup> Além da gravação em vídeo de entrevistas com alguns dos Guató presentes, contando sobre suas biografias, bem como sobre a expropriação e o esquecimento da língua, o resultado mais impactante foi uma primeira cartilha de iniciação à língua guató, para os que não mais a falam, como primeiro passo para o seu possível parcial resgate. A cartilha acabou contendo um vocabulário com palavras e frases básicos, apresentadas através de desenhos, feitos pelos participantes da Oficina, que encenam pequenos diálogos ou representam animais, plantas e objetos, ou através de fotos.<sup>14</sup>

13 Recolhemos todas as gravações disponíveis contendo dados linguísticos graças a inestimável colaboração de Adriana Postigo e de Joel Pizzini, diretor do filme “500 Almas” (2004). Os bolsistas de Iniciação Científica Wladimir Lamenha Lins e Walter Alves trabalharam na identificação, catalogação e edição do material áudio. Dayane Pontes substituiu Wladimir neste ano de 2017 para continuar, com Walter, esse trabalho.

14 Agradecemos a preciosa assessoria de Luiz Amaral, da Massachusetts University em Amherst, com a sua competência na produção de materiais para ensino de segunda língua, alfabetização e revitalização.





Página da 1ª Cartilha de Revitalização da Língua Guató, 2016

O novo guató escrito pode ser considerado uma nova variedade, simplificada se comparada ao guató um dia falado; procuramos manter algo de sua melodia tonal grafando o tom alto com acento agudo. A letra <y> representa uma vogal alta não arredondada e não anterior; a letra <x> representa uma consoante africada surda, como na pronúncia de <ch> no dialeto ‘cuiabano’; a letra <j> representa uma consoante africada sonora, como na pronúncia do <j> no mesmo dialeto.<sup>15</sup>

Gravamos uma leitura da cartilha, que foi rapidamente copiada para os celulares. Quando partimos, vimos uma menina ouvindo e repetindo incessantemente palavras e frases. Soubemos que este exercício espontâneo está se difundindo aos poucos entre jovens e adultos da TI Bahia dos Guató.



Lendo e ouvindo a cartilha guató, Aterradinho, MT (Foto: Gustavo Godoy, 28 de agosto 2016)

Satisfeitos com a recepção da cartilha, continuamos insatisfeitos por não ter conseguido encontrar nenhum falante ou “lembrante” da língua guató. A segunda viagem foi em outubro de 2016. Gustavo Godoy chegou ao baixo rio São Lourenço, onde mora [dʒog<sup>w</sup>ápɔ], Vicente, último refúgio da língua guató. Descendo o São Lourenço, em Corumbá, Gustavo descobriu Eufrásia, que há algumas décadas já não falava em guató.

#### 4. A segunda viagem: Barra do rio São Lourenço e Corumbá

Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever. Mas seu avô era o Chamã daquele povo lhe ensinara uma Gramática do Povo Guató. Era a Gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. Constava de uma só frase: Os verbos servem para emendar os nomes. E botava exemplos: Bentevi cuspiu no chão. O verbo cuspir emendava o bentevi com o chão. E mais: o cachorro comeu o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso. Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. Falou mais dois exemplos: Mariano perguntou: – Conhece fazer canoa pessoa? – Periga Albano fazer. Respondeu. Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mais ensina essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Chamã dos Guató quanto Sapir.

(M. de Barros, 2006)

A língua dos índios Guató é múrmura: é como se ao dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras.

(M. de Barros, 2010)

##### 4.1. Júlia, Veridiano, Vicente: a última família a falar guató

Na manhã do dia 02 de abril de 2012 morreu Júlia Caetano, teria 111 anos. Era índia guató, habitante das redondezas do morro do Caracará. Seu nome indígena era [tʃĩritu]. Uma reportagem indica que seu nome seria traduzido por “Flor do Mato” (Andrade, 2011); em seu nome podemos identificar o morfema /ti/ ‘flor’ ou ‘florecer’ (cf. Palácio, 1984). Já estava cega e com problemas de audição; por isso, necessitava dos cuidados de seu filho Vicente. Morria, naquele momento, mais uma língua ameríndia. Júlia era a pessoa que mantinha o último laço familiar que sustentava a transmissão e o uso do guató – derradeira língua indígena das terras inundáveis do Pantanal.



Júlia Caetano - Foto: TV Morena (MS, 2012)

Em 1984, a linguista Adair Palácio observava que as famílias de falantes que conhecera na década anterior já estavam desestruturadas. A família de Júlia, com a peculiaridade de ter três homens solteiros – dois irmãos e seu filho – foi a última família a utilizar o idioma

A finada Julia era filha de João Caetano, antigo chefe guató e informante do etnógrafo alemão Max Schmidt, quando este esteve no vale Caracará, em 1910. Dois de seus irmãos moraram por perto: o finado Veridiano e o finado José. Júlia e o marido, o finado Mané Vicente, moravam rio acima, perto dos sogros de Júlia – a um dia de remo por um percurso sinuoso a partir do Morro do Caracará, próximo do qual Júlia está enterrada e onde hoje mora apenas seu filho Vicente, com pouco mais de 70 anos.

Após a morte de Mané Vicente, Júlia quis ir embora. Mudaram-se para a boca de um riacho, perto da morada atual de Vicente, túmulo de Júlia, em terras de fazendeiro. Damião morreu, Vicente foi trabalhar em fazendas a jusante, os outros irmãos foram embora e deles Vicente não tem mais notícias.



Vicente, ḍʒogʷápo. Baixo rio São Lourenço (Foto: Gustavo Godoy, 10 de outubro 2016)

Algumas pessoas descrevem Vicente como arisco e “sistemático”, tendo já sido aversivo a pesquisadores. Gustavo chegou até ele em 6 de outubro de 2016.<sup>16</sup> Vicente mostrou-se simpático e bom conversador nos dois primeiros dias, disposto a ensinar algo do guató que, até alguns anos atrás, estava na ponta da sua língua. Ainda saudável e forte, garante sozinho sua própria subsistência. Já tinham passado um pouco menos de cinco anos desde a sua última conversa em guató, que afirmava “ser um idioma muito enrolado” – quando ele falava muito rápido e Gustavo pedia para repetir algo de modo a poder gravar e transcrever.

Vicente ensinou seu nome guató: “meu nome é Djoguapó”, [ad̥zéro-jo d̥zogwápo] ‘ter.nome-1SG d̥zogwápo’. Vicente nasceu, provavelmente, no final dos anos 1940 (Oliveira, 2002: 359). Desde criança fala português: “aprendi misturado com o idioma”.

Embora seja um falante nativo (ou melhor, tenha sido), ele é, hoje, um esquecente. No decorrer das eliciações, por vezes, esquecia algumas palavras (como o nome para “tartaruga”) ou construções (como a tradução da subordinada “quando era jovem”). Outras palavras tinham sumido de seu vocabulário, como a palavra para “chicha” (a bebida fermentada que os Guató faziam com a seiva ou o palmito da palmeira acuri).

Ao tentar coletar com ele pequenos relatos, Vicente soltava um clique de decepção, abaixava o olhar, buscava as palavras perdidas e soltava um “Porra!” em tom de fracasso. Concluía que suas sentenças não estavam corretas. Seu pensamento brotava antes em português do que em guató, embora rapidamente se corrigisse, quando falava algo errado. Começava a falar em português, abortava a sentença e tentava novamente em guató.

Já era a segunda vez que Vicente esquecia a língua. Quando foi trabalhar rio abaixo, longe da família, em um barco freteiro e em fazendas, sua fala guató foi enfraquecendo. Tendo voltado a morar com sua mãe, a finada Júlia, o desempenho linguístico voltou. Agora, Vicente não voltará a conversar. Em sua casa de pau-a-pique, mora sozinho ou, melhor, com quase vinte gatos, três cachorros e alguns mutuns semi-domésticos, afora os outros bichos que passam por lá.

Diariamente enche as couraças de jacaré que tem em seu pátio para alimentar seus xerimbabos. Tem uma roça de mandioca; plantava milho, mas agora o solo está muito seco; tinha melancias, mas agora faltam sementes. Vicente se locomove usando uma canoa velha, remendada com latão e argila, que movimenta com seu remo de ponta fina. Sai para pescar de manhã e costumava caçar bastante capivaras, mas hoje o número destes grandes roedores diminuiu no Pantanal. Onças e jacarés não faltam nesta região. Em um dos galhos da mangueira perto do porto de sua casa, encontram-se zingas, arpões e varas de pescar, um velho bodoque, com o arco quebrado. Manteve boa parte dos utensílios que compunham a cultural material guató de outros tempos. Hoje caça também com uma arma calibre 22. Ouvimos dizer que foi a proibição da caça que dispersou os Guató: alguns foram parar na cidade e nela ficaram perdidos, deslocados do seu modo habitual de viver.

16 Agradecemos a administração do Parque Nacional do Pantanal Matogrossense, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), pela acolhida e pelo apoio em sua sede na beira do rio São Lourenço, e a Florêncio Marques da Silva, descendente guató e funcionário do Parque, pela sua generosidade.

Na primeira conversa com Gustavo, bem amigável, ele concordou em falar e ser gravado. No segundo dia, a pesquisa começou de verdade, com a gravação de palavras não registradas nos trabalhos existentes, cada palavra, em seguida, contextualizada em frases. “Se você ficar aqui, vai aprender a língua” disse Vicente, quando me perguntou algumas palavras do guarani paraguaio, sobre o qual comentou: “É uma língua bem diferente, né?”.

**na-g<sup>w</sup>a-d̂zo-jo g-évú g-ítuvu<sup>17</sup>**

IND-PROG-ver-1SG DET-mulher DET-bonita

‘vi mulher bonita’ (melhor: estou vendo mulher bonita)

**da-mú-gurru go-kúd̂zafé it̂já g-óvu**

DD-muito-INTENS DET-escorpião dentro DET-casa

‘tem muito escorpião dentro da casa’

**da-mú-gurru go-pag<sup>w</sup>ad̂zéd̂zave óvi-ru**

DD-muito-INTENS DET-carrapato perna-1SG

‘tem muito carrapato na minha perna’

No terceiro dia, Vicente avisou que iria rio abaixo para entregar um cabo de machado encomendado. Gustavo ficou preparando listas com palavras não conhecidas, paradigmas verbais, possíveis termos de parentesco. Tentaria estimular a produção de uma narrativa. Já planejava prolongar a estadia com Vicente, mas, no terceiro dia, encontrou-o de cara amarrada. Estendeu a palma da mão em um gesto de impedimento: - “Para aí! Para aí! vou trabalhar hoje. Chega de encheção de saco”. “Posso voltar amanhã ou outro dia?”, perguntou Gustavo - “Não. Foi só isso.” Perdemos Vicente, talvez consigamos reencontrá-lo um dia.

Nas proximidades da morada de Vicente, está o morro do Caracará, que em sua face oriental apresenta vários petroglifos, marcas da antiga ocupação indígena na região pantaneira. No sopé do morro foi a antiga casa do finado Veridiano e do finado José, tios de Vicente. José morreu no final de 1999 e foi sepultado no morro, Veridiano abandonou o local e sua morada virou sítio arqueológico, outro derradeiro recanto onde foi usada a língua guató.

17 São as seguintes as glosas usadas na interlinarização de dado guató, conforme Palácio (1984): IMPERF-imperfeito; IND-indicativo; PROG-progressivo/durativo; 1SG-1ª pessoa singular; DET-determinativo; INTENS-intensificador; DD- descritivo dimensional.



Veridiano /d̥ʒɔd̥ʒɔtɔga/ (acervo pessoal de Adriana Postigo)

Foi Veridiano – cujo nome guató é /d̥ʒɔd̥ʒɔtɔga/ - que acompanhou Adair Palácio e o finado Celso – liderança guató – até a Funai de Brasília, na época da retomada da identificação étnica, em agosto de 1978 (Palácio, 1984: 15). Foi em julho de 1978 que Palácio conheceu a família Caetano (*id.*: 13).

Nas margens do Rio São Lourenço (local 1) morava Júlia Caetano, uma mulher de uns 60 anos, Guató e viúva de Guató. Vivia com seu filho mais novo, Félix, de 20 anos, e dois irmãos, José, que tinha uns 58 anos, e Veridiano, uns 55 anos. Eles estavam acabando de voltar àquele local depois da última cheia e estavam construindo uma casa. Essa família só falava guató entre si.

Na ilha Ínsua, Veridiano morou até morrer, em 2011, não sem tentar ensinar algo de guató na escola de lá e para Adriana Postigo poder redigir sua dissertação de mestrado.

## 5. A terceira viagem: Corumbá

Gustavo Godoy descobriu Eufrásia em Corumbá, de volta do rio São Lourenço e do não tão bem sucedido encontro com Vicente. Com Eufrásia, Gustavo esteve em 11 e 12 de outubro de 2016 e em fevereiro de 2017, agora com Walter Alves, aluno de Iniciação Científica. Sentimos que não poderíamos perder tempo e sabíamos que Eufrásia estava, de alguma maneira, nos esperando. Havia um propósito mais definido para o segundo encontro com Eufrásia, além de continuar documentando e gravando o possível e aprender mais sobre o fim do Guató: elicitare frases com numerais e quantificadores. Incluímos, sob o título ‘terceira viagem’, os dois curtos períodos de convivência com Eufrásia.

## 5.1. A ruptura na transmissão do guató

A lancha Guató I atraca regularmente no porto de Corumbá, vinda da Ilha Ínsua. Nas portas dos banheiros, lia-se: “Madéé ELE” e “Gohadja ELA”<sup>18</sup>. A ortografia deve ter sido criada por Dalva Maria S. Ferreira, uma não índia que “assumiu a identidade” dos canoieiros (cf. o filme *500 almas* [Pizzini, 2004]), esposa do ex-cacique, Severo Ferreira.<sup>19</sup> Veridiano e Dalva elaboraram o *Pequeno dicionário da língua guató: Guató-Português Português-Guató* (2002), fonte do ensino de algumas palavras e frases em guató escrito na escola da TI em Mato Grosso do Sul.

Depois de conversar um tempo com os Guató no porto de Corumbá, soubemos de Porfírio, filho de Francolina Rondon, conhecida como dona Negrinha, outra personagem da pesquisa de Palácio. Ele nos levou para a sua casa, na periferia, uma construção de tábuas irregulares, com dois cômodos e apontou, na vizinhança, descendentes de Guató, falando de famílias e indivíduos guató espalhados pelos bairros pobres de Corumbá.



Na casa de Porfírio, foto dos pais, Dona Negrinha à direita. (Foto: Gustavo Godoy, 12 de outubro 2016)

Domingas, mãe de Francolina, conheceu Manoel Rondon na fazenda onde trabalhava.<sup>20</sup> Para pedi-la em casamento, Manoel foi até um cacique guató. Domingas deixou de falar correntemente a língua guató enquanto ficou na fazenda e o esposo não gostava de ouvir. Na fazenda nasceu Francolina, que só aprendeu guató mais tarde (Postigo, 2009: 22), convivendo com a avó e crianças indígenas. Dizem que a sua competência linguística era impressionante. Eufrásia, “índia pura”, acabou casando com um filho de Francolina, que deixou por causa do vício (dele) da bebida.

Fazia tempo que Porfírio não visitava Eufrásia. Mostraram a casa onde Francolina morou nos últimos anos de sua vida, com manguieras do tipo bourbon e remédios do mato, como cana brava e colônia. Eufrásia conseguiu falar guató para Gustavo. Ela e Vicente são, acreditamos, os últimos a lembrar. Outros apontados como prováveis conhecedores de fragmentos da língua, se recusariam a

18 Em 2017, a lancha foi reformada e pintaram a porta do banheiro, apagando as palavras.

19 A mãe de Severo era Josefina, a guató que a missionária italiana Ada Gambarotto conheceu em Corumbá e a que mais ajudou Adair Palácio.

20 Ver o resumo de uma entrevista com Francolina no trabalho de Ribeiro (2005).

dizer qualquer coisa, comportamento ou reação já comentados por Max Schmidt no começo do século passado.



A cruz da sepultura de Francolina Rondon. Cemitério Santa Cruz, Corumbá-MS (Foto: Gustavo Godoy, 11 de outubro 2016).

## 5.2. Eufrásia: dispersão de parentes

Uma senhora magra passou pela porta: “Aquela bugrinha ali é a Eufrásia, que o senhor está procurando”, apontou Porfírio. Nascida em 17 de outubro de 1946, Eufrásia Ferreira iria completar em breve 70 anos, de gestos inquietos e com seus cabelos meio brancos e meio pretos sempre presos em um coque. Ela lembrava dos nomes dos seis pais em guató: Sabina [muk<sup>w</sup>ave] e Joãozinho [dʒog<sup>w</sup>uíta], este último significando ‘carangueijo’. Seu próprio nome, não lembrava.





Eufrásia escutando Vicente (Foto: Gustavo Godoy, 11 de outubro 2016)

Eufrásia não ouve direito. Foi na fazenda que uma égua recém-parida deu-lhe um coice na orelha. Eufrásia ficou por um tempo no poder de sua mãe, que morreria de sarampo, mas logo se amigou com Davi, irmão por parte de mãe de Porfírio. Foi por esta época que começou a esquecer o guató. Seu ex-marido, Davi, era filho de Francolina. Quando Porfírio perguntou se o finado David falava, Eufrásia exclamou: “Não! De uma vez!<sup>21</sup> Não falava nada!” Seu filho, igualmente, não falava em guató, nem tinha nome guató.

O irmão de Eufrásia, Cipriano, falecera no dia 05 de setembro de 2015, em um asilo, pouco antes de conhecermos a sua irmã. Memórias guató perdidas. Foi na casa de Francolina que Adair Palácio (1984: 13) o conheceu, um jovem de 25 anos. Geraldo, amigado com Eufrásia há uns trinta anos, lembrou entusiasmado das conversas entre os dois irmãos: “Eu fiquei quieto escutando [...], faz um tempinho, antes dele (Cipriano) morrer... Eu falei: “Mas que que bonito!”. Eu nunca tinha visto. Eu nunca tinha visto não. Eu já via a língua de paraguaio, em guarani, né. Mas de índio eu nunca tinha visto. Mas aí eu achei muito bonito. É mais bonito do que em guarani.” Geraldo nunca tinha ouvido o guató antes deste acontecimento.

Francisca, irmã de Cipriano e de Eufrásia, morreu atropelada; quando criança falava guató, mas tinha menos competência que seus irmãos.

21 Sinônimo de: “de modo algum”.



Francisca, em quem a língua guató se perdeu antes que seus irmãos. (Foto 3x4 que Eufrásia guarda como recordação de sua finada irmã)

Afirmado que há tempos não conversava, Eufrásia conseguiu ouvir algo das gravações de Vicente e logo exclamou: “Oh! [gog<sup>w</sup>ák<sup>w</sup>á], pacu!”, mas os pequenos fones de ouvido que tinham sido levados não ajudaram. Envergonhada, disse que estava esquecida mas lembrava alguns nomes de bichos.

Quando voltamos pela segunda vez na sua casa, sempre bem recebidos, Eufrásia nos ensinou, durante vários dias, palavras e frases da língua que já falou.

**ma-ro-jo mani g-itó dúni mani gátʃóni**

IMPERF-COMER-1SG esse DET-cutia dois esse hoje

‘comi duas cutias hoje’

**dúni g- opígá g<sup>w</sup>á-káni mani go-dzáho**

duas DET-onça PROG-andar esse DET-mato

‘duas onças estão andando no mato’

Foi por ocasião do segundo encontro com Eufrásia que conhecemos Brandina, irmã mais velha de Porfírio e filha de Francolina Rondon. Viúva de um irmão de Caboclo, morou durante muitos anos na aldeia Uberaba, na TI Guató de Mato Grosso do Sul. Foi lá que criou seus filhos. Seus irmãos, quando jovens, viram a mãe usando a língua guató, mas nada ficou. Ouviam a mãe conversando com a avó: “Estas duas não sabem falar direito”. As crianças riam-se da mãe e da avó. “Criança é besta, né” comentou Brandina. Nem Davi, cujo pai era guató, aprendeu. Nenhum dos filhos de Francolina Rondon aprendeu, de besteira de criança, de dispersão de suas famílias.

A língua não é, para os Guató do Mato Grosso do Sul, uma voz tão remota, embora seu silêncio já tenha sido declarado. Vários conheceram falantes, outros não aprenderam quando crianças, alguns sabem algumas palavras e algum contato com a ideia de revitalização já existiu. Alguns encontraram, esporadicamente, o “sistemático” Vicente. Hoje, algumas palavras ainda afloram, em algumas pessoas. Maiara, uma menina da Lancha Guató, afirmou só saber a palavra para ‘onça’. O novo cacique, Luis Carlos, nos disse que a “língua étnica” é uma de suas prioridades e que tinha esperança em aprender. Reclamam que só sabem algumas palavras, mas não conseguem formar nenhuma frase.

## E agora?

Percorremos, em 2014, os pontos de *language reclamation* e de resgate de línguas nativas na Austrália. Voltamos ao Brasil convencidos da inadmissível falta, no país, de qualquer política linguística consistente voltada para populações indígenas, o que dificulta a própria concepção e implementação de projetos de revitalização, apesar da crescente demanda que vêm de muitos lugares. Resolvemos fazer algo.

Aprendemos, não apenas com os Guató, que a língua está profundamente vinculada à terra, à garantia dos direitos territoriais constitucionais. Vimos como a escola pode ser de algum modo reapropriada não mais para aniquilar, mas para abrigar uma língua ou línguas que não sejam a dos colonizadores. Além disso, a revitalização e uma outra escola são reivindicadas por duas preocupações básicas: a afirmação como indígenas e como contraponto ao êxodo e à desterritorialização, que além de dispersar o povo, expõe os jovens aos perigos da cidade.

Voltamos das três viagens aos Guató com um considerável material de pesquisa que começa a ser analisado.<sup>22</sup> Uma nova tradução do capítulo da obra de Max Schmidt dedicado à língua guató, com uma re-escrita fonológica e interlinearização dos dados nele incluídos, está para ser publicada, sobretudo para que seja acessível aos próprios Guató. Queremos produzir mais um documentário em vídeo, agora dedicado a Vicente e a Eufrásia. Os pedidos para realizar uma segunda oficina e uma segunda cartilha de revitalização se fazem mais contundentes. Será possível propiciar um encontro entre os Guató separados, em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, com a presença dos últimos falantes? Não seria um desafio muito além de nossas capacidades e limites?

22 Os dados digitais brutos – armazenados no Museu do Índio – contabilizam, para a primeira viagem, 10,5 horas de vídeo e 6 horas de áudio; para a segunda viagem, 4,8 horas de gravação em áudio e 2,7 horas de gravação em vídeo; para a terceira viagem, 5,5 horas de gravações de áudio e 49 minutos de filmagens.

## Referências

- ANDRADE, S. “Flor do mato”: Índia guató de 110 anos escapa de incêndio. *Correio Do Estado*. URL: <http://www.correiodoestado.com.br/noticias/india-guato-de-110-anos-escapa-de-incendio/119171/>. 2011.
- BARROS, E. P. de. Laudo pericial histórico-antropológico. 2000.
- BARROS, M. de. *Memórias inventadas: A segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.
- BARROS, M. de. Ensaio fotográficos [2000]. In *Poesia completa / Manoel de Barros* (pp. 377–396). São Paulo: Leya, 2010.
- BESPALEZ, E. Arqueologia e história indígena no Pantanal. *Estudos Avançados*, 29 (83), p.45–86. 2015.
- CASTELNAU, F. de. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.
- FLORENCE, H. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. [1875]*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.
- MARTINS, A. M. S. *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o guató e o tronco macro-jê*. Universidade de Brasília, 2011.
- MARTINS, A. M. S. O morfema  $\epsilon$  do Guató : De uma possível marca de ergatividade. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5(2), p. 435–451. 2013.
- G1 MS. Indígena da etnia guató morre aos 111 anos em Corumbá, MS. *G1*. URL: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2012/04/indigena-da-etnia-guato-morre-aos-111-anos-em-corumba-ms.html>. 2012.
- OLIVEIRA, J. E. de. *Da pré-história à história indígena: (Re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do pantanal*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.
- OLIVEIRA, J. E. de. *Arqueologia das sociedades indígenas no Pantanal*. Campo Grande: Ed. Oeste, 2004.
- OLIVEIRA, J. E. de. *Arqueologia pantaneira: história e historiografia (1875-2000)*. Dourados: Editora UFGD, 2008.

- OLIVEIRA, J. E. De. *Guató: Argonautas do Pantanal*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- PALÁCIO, A. P. *Guató: A língua dos índios canoeiros do rio Paraguai*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1984.
- \_\_\_\_\_. Aspects of the morphology of guató. In B. F. Elson (Ed.), *Language in global perspective*. p.363-374. Dallas: Summer Institute of Linguistics. 1986.
- \_\_\_\_\_. Flexão em Guató. *Investigações - Lingüística e Teoria Literária*, 1, 7-18.1991.
- \_\_\_\_\_. Sistema numeral em guató. *Abralin - Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, (19), 51-56. 1996.
- PALÁCIO, A. P. Alguns aspectos da língua Guató. *Liames*, p.161–168. 2004.
- PIZZINI, J. 500 almas. Filme de 108 minutos. 2004.
- POSTIGO, A. V. *Fonologia da língua guató*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2009.
- RIBEIRO, E. R.; VOORT, H. Van Der. Nimuendajú was right: The inclusion of the jabutí language family in the macro-jê stock. *International Journal of American Linguistics*, 76(4), p.517–570. 2010.
- RIBEIRO, M. da S. Uma Ilha na História de um povo Canoero: O Processo de desterritorialização e reterritorialização dos Guató na região do Pantanal, (Século XX). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2005.
- RODRIGUES, A. D. Línguas ameríndias. In *Grande Enciclopédia Delta- Larousse* (pp. 4034–4036). Rio de Janeiro: Editora Deltar, 1970.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (Eds.), *The amazonian languages* p. 165–206. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- RONDON, F. *Na Rondônia ocidental*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.
- SCHMIDT, M. *Indianerstudien in Zentralbrasilien: Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer*

*Reise in den Jahren 1900 bis 1901.* Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), 1905.

SCHMIDT, M. Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso. *Baessler-Archiv: Beiträge Zur Volkekunde*, 4(6). 1914.

SCHMIDT, M. Resultados da minha expedição bienal a Mato-Grosso: De setembro de 1926 a agosto de 1938. *Boletim Do Museu Nacional*. 1942a.

SCHMIDT, M. Resultados de mi tercera expedición a los guatos efectuada en el año de 1928. *Revista de La Sociedad Científica Del Paraguay*, v.5, n.6, p.41–75. 1942b.

WILSON, J. Guató word list. Summer Institute of Linguistics. 1959.